

Inflação, obstáculo para negociar a dívida.

PAULO SOTERO,
DE WASHINGTON.

O diálogo econômico de alto nível entre o Brasil e os Estados Unidos, que estava interrompido desde a visita do presidente George Bush ao Brasil, em dezembro passado, foi retomado ontem pela manhã num difícil encontro do presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, com o sub-secretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford. Foi uma conversa muito franca de ambas as partes, disse uma fonte oficial brasileira. Um porta-voz do Tesouro dos EUA não quis comentar o encontro. No final da reunião, Eris indicou uma das razões da dificuldade no diálogo com os EUA ao responder a uma pergunta de um jornalista sobre o rumo da inflação no País. "Não há como dar garantias na situação econômica atual", disse.

O governo reluta em estabelecer metas na luta antiinflacionária, porque prevê uma longa batalha pela frente e não quer mais criar expectativas que não possa atender (veja matéria ao lado). Essa atitude pode, porém, complicar o início formal da negociação de um acordo tipo **stand by** com o Fundo Monetário Internacional, a pré-condição para que continue o processo de normalização das relações do Brasil com seus credores depois do recente acordo sobre os juros atrasados.

Na semana passada, Mulford elogiou o acordo, mas acrescentou que esperava ouvir a intenção declarada do Brasil de negociar um novo acerto com o FMI. É improvável que tenha ouvido isso de Eris. O assunto deverá ser discutido novamente hoje entre os dois governos durante um encontro da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, com o chefe de Mulford, o secretário do Tesouro, Nicholas Brady. Zélia, que encabeça a delegação brasileira na reunião semi-anual do FMI e do Banco Mundial, explicou a posição brasileira.

Posição construtiva

A intenção do governo de negociar com o FMI sempre existiu, disse a ministra. Ela lembrou que já na campanha eleitoral, o presidente Fernando Collor afirmara que não iria brigar com o FMI, mas sim dentro do FMI. "O problema é que há uma série de pontos onde existe uma grande distância (com o FMI) e queremos tratar disso", disse Zélia. A identificação dessas diferenças, segundo a ministra, ocorreu ao longo das últimas semanas em conversas regulares dos representantes permanentes do Brasil no Fundo com os técnicos da instituição. Ela disse que a disposição do Brasil é, como sempre, positiva e construtiva e que o governo espera conseguir um acordo logo. Mas tendo em vista as restrições de curtíssimo prazo que o País tem para projetar e honrar metas de política econômica que incluam uma súbita e drástica redução da inflação.

Zélia reúne-se no fim da tarde de amanhã com o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, para discutir a questão. Camdessus, que saiu politicamente chamuscado da última tentativa de acordo com o Brasil, não parece propenso a dar nenhum tratamento especial ao Brasil. Zélia começou a vender a posição brasileira em encontros bilaterais, que incluiu uma reunião com o Banco Mundial.

Zélia na sede do FMI: o governo brasileiro tem uma posição positiva e vai negociar com o Fundo para conseguir um acordo logo.

